

Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Collares
PAPUSSE

Mais olhos do que barriga...



Entrando por este buraco posso ir às maçãs do homem...

Vendo um buraco num muro vedando um belo pomar; com rico fruto maduro, murmura «Zé Waldemar»:



É o que vale ser magro...

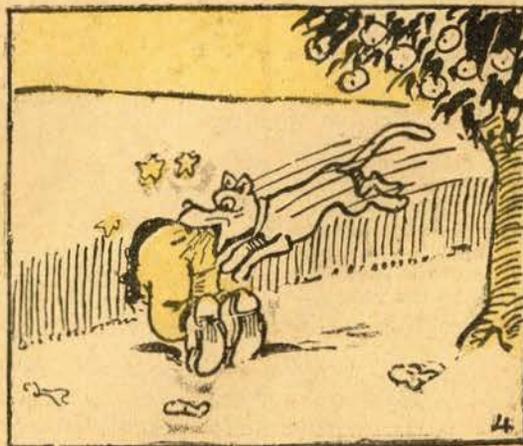
— «Para dar um belo estrago nas maçãs daquela quinta, o que me vale é ser magro e já não ter que usar cinta!»



Parece-me que sinto o cão... Toca a fugir...

Mas, após bela «papança» das ricas maçãs da quinta, volta, de novo, a ter «pança» como quando usava cinta.

Nisto, sentindo um cachorro, vai direito ao buraquinho; mas a gritar por socorro, devido a achá-lo estreitinho.



Quem tiver (sem ver escolhos) mais olhos do que barriga, reparem que Deus castiga: dá mais barriga do que olhos!



O GIGANTE CICLOPE

■ POR ERMELINDA MARTINS PEREIRA ■

Desenhos de TIO-TÓNIO



UM país muito distante, existia um reino muito lindo e alegre, governado por um rei bom e rico, muito amigo do seu povo, o qual sentia por ele a mais viva simpatia.

Mas um facto bastante doloroso, vinha enlutar, de tempos a tempos, o belo e alegre reino, lançando a desgraça nas choupanas dos pobres, a desdita nos palácios dos ricos.

Que génio malfazejo teria acolhido nas suas asas maléfi-

cas, aquele povo tão bom, tão trabalhador, tão amigo do seu rei?

Quási todas as semanas, davam pelo desaparecimento das mais lindas raparigas do país, que, a-pesar-dos esforços continuos do rei e seus vassallos, não conseguiam encontrar o mais leve vestígio das desaparecidas, nem a explicação de tão triste acontecimento.

As mães choravam as suas filhas, as avós as suas netas, os jovens as suas noivas.

E o pacífico e trabalhador povo de tão rico reino, era pobre, pobre de alegria, em contraste com a natureza alegre dos seus produtivos campos, com a beléssima bemeifeitora dum lindo Sol e com o agradável chilrear das avezinhas.

Num dia lindo de primavera, em que os passarinhos, mais do que nunca, cantavam alegremente saudando a natureza e as flores exalavam na atmosfera o seu suave e penetrante aroma, nascia no rico palácio do reino, uma filhinha do bondoso rei, linda princezinha de cabelos louros e de olhos tão azuis que faziam lembrar dois pedacinhos de azul celeste.

Notou a rainha e o rei a formosura da sua filhinha e, muito em segredo, encerraram-na num dos mais luxuosos salões do palácio, para que o «mau fado» perseguindo o reino, a não roubasse aos seus carinhos paternais.

Assim foram passando os anos; o povo e a côrte igno-

rando a existência; da bela princezinha, o rei e a rainha guardando sofregamente o segredo do nascimento da sua filha.

Num lindo salão forrado de vermelho, Venflôr, a linda princezinha de cabelos louros, admirava, por entre os vidros da ampla janela, os campos, áquela hora desertos do seu reino.

Lia-se no seu formoso rosto uma enorme tristeza e no seu olhar vago a indiferença por tudo que a rodeava.

Qual a razão porque seus pais, tão bons e meigos para com ela, a conservavam tão solitária, tão recolhida, tão ausente da sociedade?

Porque não viajava ela como as outras princesas, nem assistia às festas pomposas da côrte, cujas gargalhadas sarcásticas dos bobos, lhe chegavam aos ouvidos, através das vastas galerias do palácio?!

Não lhe permitiam que saísse de dia, para que todo o seu ser pudesse sentir a carícia suave do Sol tão lindo do seu reino, a ela tão ávida de alegria e de luz. Porquê?!

Pensava Venflôr tristemente, vendo aproximar-se a noite e fixando os seus formosos olhos no fulgôr das estrelas que começavam a brilhar no firmamento.

Ouvia, distintamente, o vai vem continuo dos págens do seu pai pelos corredores, os passos saltitantes das damas da côrte, o tinir das armas dos guerreiros e o comando autoritário dos ministros.

Só ela, pobre princezinha, estava silenciosa, triste, ignorada no seu quarto.

Entregue a estes pensamentos, Venflôr sentiu correr o repositivo de veludo encarnado do seu quarto; voltando-se sobre-saltada para alguém que entrava silenciosamente, exclamou: «Minha mãe!»

A rainha, arrastando um riquíssimo manto bordado a ouro e cravejado de pequeninas pedras preciosas, dirigiu-se para a filha, atagando-a docemente e, compondo-lhe as longas tranças louros, disse-lhe:

— «Tenho notado, minha filha, que esta vida monóto-



na da tua existência, sacrificas a tua mocidade de 20 anos, a tua beleza. O muito amor que te dedicamos, obrigou-nos a envolver o teu nascimento num segredo perpétuo, porque, divulgado, a tua vida corria perigo.

E, pegando nas delicadas mãos de Venflôr, apertando-as contra o seu peito, a rainha contou-lhe todo o mistério, toda a infelicidade que perseguia as jóvens da sua nação, a má estrela que pairava sobre o seu povo.

Escutou Venflôr, com atenção, a descrição da desgraça do seu reino e chorou lágrimas sentidas pelo infortúnio das mais belas damas da corte, de algumas das suas mais formosas parentas e das lindas açaafatas da sua mãe.

Pensativas, entregues à sua dor, a rainha e a princesa ouviram dar no relógio do palácio as badaladas da meia noite.

Levantaram-se, pedindo Venflôr a sua mãe permissão de dar o habitual passeio pelo jardim, para poder contemplar as lindas rosas vermelhas, cuja formosura não existia em nenhuma outra parte do reino.

— «É já tão tarde minha filha e o belo luar, que tanto te encanta, não vem iluminar as tuas belas rosas», respondeu a rainha, apontando para a negridão da noite.

— «Respirar-lhe-hei o perfume», retorquiu Venflôr, beijando a mãe e dirigindo-se para o jardim.

Um silêncio profundo reinava em todo o castelo. A linda princezinha sentiu um arrepio ao descer a vasta escadaria do palácio.

A noite estava tão escura e os tristes acontecimentos que se davam no reino, contados por sua mãe, causavam-lhe tanto medo.

Voltaria para o seu quarto. Era já tão tarde!.. Oh! Mas as queridas rosas vermelhas que tombavam sobre a haste, chorosas da sua ausência? Resoluta, desceu as últimas escadas de mármore e dirigiu-se para as suas lindas flores, mas o som duns passos pesados fê-la recuar.

— «Quem seria?! Algum homem de armas de el-rei seu pai?!»

Escondeu-se atrás duns arbustos, procurando distinguir na escuridão, quem se aproximava. Notou um vulto e, depois, com surpresa, cheia de susto, viu um preto, horrendo, enorme, dirigir-se para as lindas rosas vermelhas.

Tocando depois com uma varinha nalgumas das flores, disse baixinho:

Varinha, varinha,
transforma as rosas,
nas jóvens formosas!

Imediatamente as rosas se transformaram em lindas meninas que, debulhadas em lágrimas, suplicavam, de joelhos, ao preto, que lhes desse liberdade; queriam abraçar suas mães, as suas avós, queriam ver os seus noivos.

Venflôr escutava aterrada os queixumes das jóvens e, não podendo ocultar por mais tempo o seu espanto, soltou um grito, fazendo voltar a cabeça ao preto que, espumando de raiva, por ter sido descoberto o seu encanto, se dirigiu para o lugar onde ela se ocultava.

A princezinha tentou fugir, mas o preto tocando-lhe com a varinha, murmurou:

«Venflôr,
manda o meu senhor
em rosa encarnada
serás transformada»

Ficou logo transformada numa linda rosa vermelha, em cujas pétalas delicadas brilhavam duas gotinhas d'água, duas lágrimas de saudade, vertidas dos formosos olhos da princesa de longas tranças louras.

Quando amanheceu o rei e a rainha deram pela falta da sua adorada filha.

Divulgando o seu segredo, mandaram espalhar por todo o reino, nas principais praças públicas e nos países vizinhos, que darlam uma enorme fortuna e a mão da linda princezinha, àquele que descobrisse onde ela se encontrava, restituindo-a viva ao seu reino.

Apresentavam-se vários príncipes, montando belos cavalos árabes, que ofereceram ao rei os seus serviços.

Os jóvens corajosos e guerreiros, partiram entusiasmadamente na esperança de alcançar o que desejavam e voltaram depois de longa jornada, cansados e tristes, desanimados por verem o desmoronar de todas as suas esperanças.

Foi, então, que um belo príncipe de lindos cabelos negros, chamado Conrad, filho do rei do país mais próximo, se apresentou ao monarca dizendo:

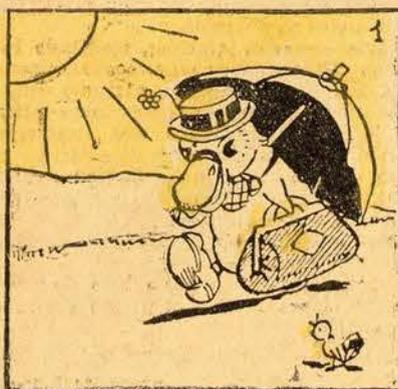
— «Se não conseguirei descobrir onde se encontra vossa filha, entregar-vos-hei a minha vida!»

O rei fitou por momentos o rosto belo do mancebo e, estendendo para ele os braços, apertou-o contra o peito num abraço paternal.

Continúa na pagina 6



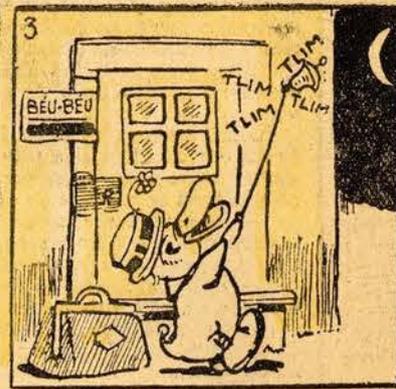
"TIC-TAC" AVENTUREIRO



1 — Regressando duma grande viagem...



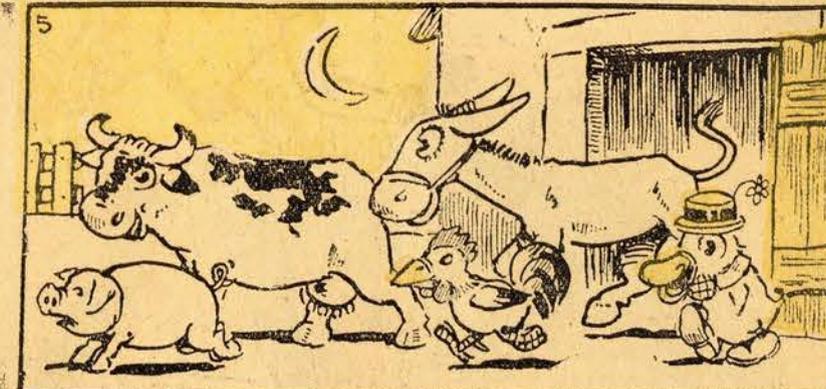
2 — «Tic-Tac» é surpreendido pela noite.



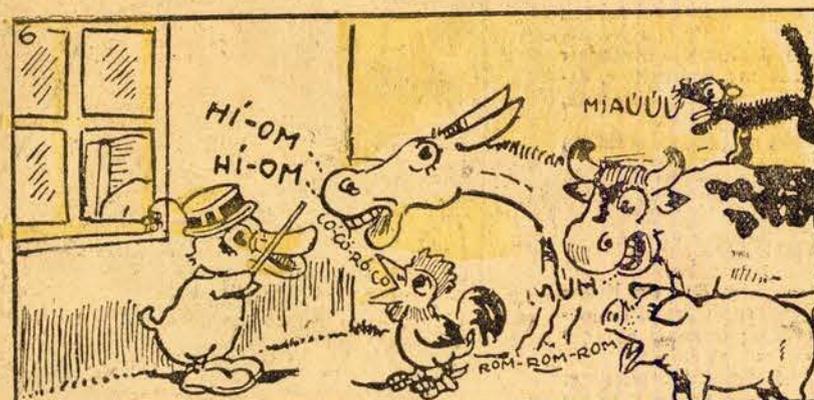
3 — Parando a uma porta, resolve pedir pousada.



4 — Mas, por mais que batesse, por mais barulho que fizesse, não conseguiu que o seu morador, «D. Béu-Béu», lhe abrisse a porta, pois ressonava a bom ressonar.



5 — Então, «Tic-Tac» resolve ir chamar o orfeão que dirigia...



6 — a fim de acordarem «D. Béu-Béu».



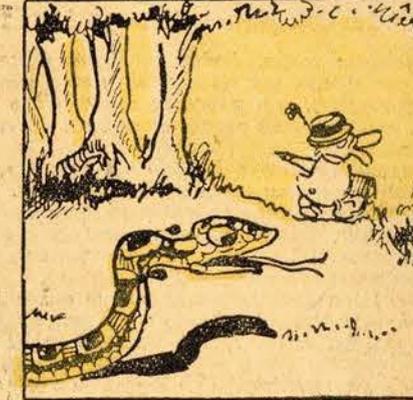
7 — Depois de infernal barulho,



8 — «Tic-Tac» chega à conclusão de que se trata de um asilo de surdos.



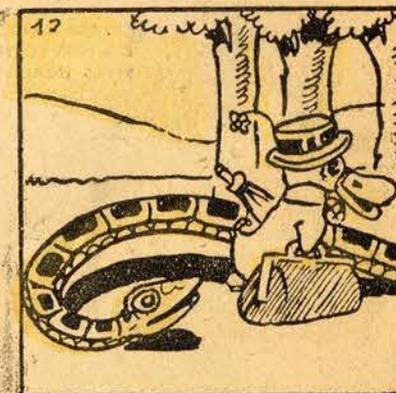
9 — Desanimado, decide desistir e seguir o seu caminho, atravessando um bosque...



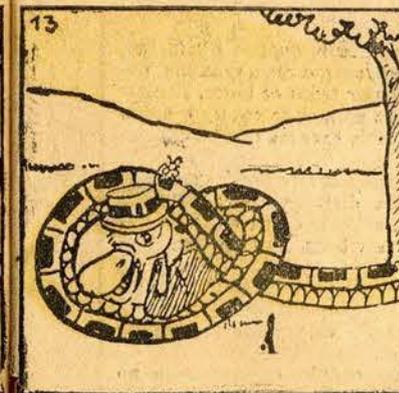
10 — onde, subitamente, é assaltado por uma terrível cobra.



11 — «Tic-Tac» não perde a serenidade.



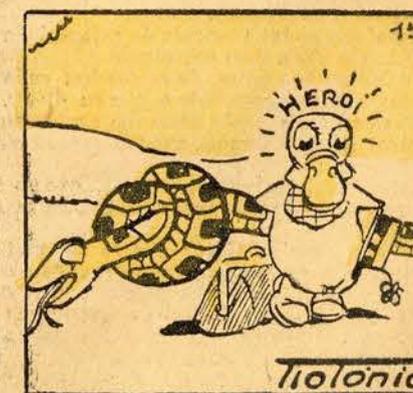
12 — Começando a trocar-lhe as voltas...



13 — habilidosamente,



14 — conseguiu envolvê-la num nó-cégo,



15 — que a deixou completamente às cegas, de veras atropalhada.

Totonio



Continuação da página 3

O príncipe partiu. Andou por terras desconhecidas. Passou por aldeias, por cidades, atravessou rios, subiu e desceu montanhas, sem nunca ter encontrado o mais leve vestígio, sem ter a mais pequena esperança de encontrar a princezinha.

Começou a sentir-se fatigado e o «Fogoso», o seu cavalo favorito, começou a recusar-se a caminhar.

Desanimado, o príncipe sentou-se numa pedra à beira da estrada, pensando já em voltar para trás e entregar ao poderoso monarca a sua vida, quando ouviu uma voz aflautada, cantarolando alegremente.

Conrad despertou da tristeza em que estava mergulhado, vendo na sua frente um anão muito pequenino, fazendo caretas, com um ar tão cómico que não pôde deixar de sorrir.

— «Que queres de mim?!» Preguntou o príncipe.

— «Prestar-te os meus serviços»; respondeu o anão com toda a seriedade.

Conrad soltou uma gargalhada. — «Tu, que cabes no meu bolso como qualquer brinquedo, tu, que, com um simples sopro meu, cairias no chão, queres prestar-me os teus serviços?!»

O anão, pondo-se nos bicos dos pés, para melhor chegar aos ouvidos do príncipe, disse-lhe:

— «Sei que andas à procura da princezinha Venflôr e estás triste por não a teres encontrado.

Vou indicar-te a forma de descobrires onde ela se encontra. Se seguirestes à risca tudo o que eu disser, vencerás; terás um rico reino e a mão duma linda princesinha de longas tranças louras.» Depois, apontando para o caminho, o anão continuou:

— «Segue sempre por esta estrada, que no fim avistarás um enorme bosque em cujo centro se ergue um magnífico palácio.

Continua a andar até encontrares um portão de ferro que apenas está encostado. Deixarás o «Fogoso» a pastar e entrarás muito cautelosamente, porque vais invadir os domínios do gigante «Ciclope», coisa que nenhum ser humano ainda ousou fazer. Procurarás entre as muitas árvores que ornamentam a floresta uma que tenha rama, um pouco mais escura; colherás um raminho e tornar-te-hás logo invisível.

Matarás o gigante que costuma dormir todo o dia e só acorda de noite; entrarás no palácio e na sala verde; encontrarás uma fontezinha, cuja torneira dourada não deita pinga de água e uma velha muito feia que está dormindo;

tirar-lhe-hás das mãos, que ela conserva fechadas, um diamante e tocarás com êle na torneira de ouro.

Verás logo correr um fiosinho de água muito límpida; encherás um pequeno frasco, voltarás para o reino da princesa e regarás com algumas gotas de água da fonte as formosas rosas vermelhas do seu jardim.»

O príncipe agradeceu muito e montando no «Fogoso» partiu a galope pela estrada fóra.

Anoiteceu. O mancebo continuou andando e só quando a aurora começou a romper, é que êle avistou, ao longe, o bosque que cercava o palácio.

Chegou finalmente!

Seguiu as indicações do anão e, entrando na floresta, tratou logo de procurar a árvore que o tornaria invisível, mas não conseguiu encontrá-la.

Andou todo o dia e viu, com receio, que a noite se aproximava e o gigante não tardaria a acordar.

Entregue a êstes pensamentos, o príncipe sentiu uns passos pesados. Voltou-se, vendo com espanto um gigante enorme, tendo apenas um olho na testa, dirigir-se para êle.

Como era muito corajoso, tirou do cinturão a espada e com ela fez frente ao monstro, que ria, num riso feroz mostrando uns grandes dentes.

O gigante avançou para êle mas o príncipe, ferindo-o num braço, deitou a fugir perseguido pelo «Ciclope», que, dando rugidos enormes, procurava com os seus passos gigantescos agarrá-lo.

La quasi conseguindo o seu intento, quando o príncipe, saltando para uma árvore que encontrou mais próxima, notou que o gigante o procurava por todos os lados. Examinou com mais atenção a árvore para onde subira e notou que ela apresentava os ramos mais escuros que os das outras.

Tinha, finalmente, encontrado a árvore preciosa; colheu um raminho, desceu da árvore, dirigiu-se para o gigante que, acompanhado dum preto, armado duma móca de ferro, reboscava toda a floresta, e vibrou-lhe uma tremenda espadeirada.

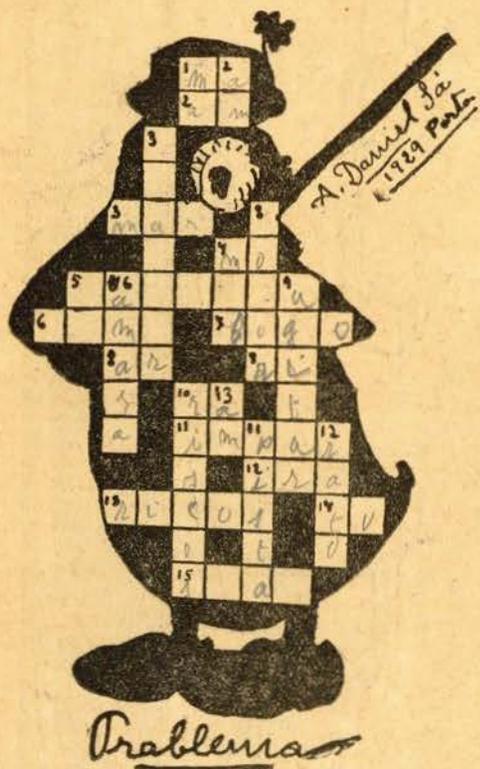
O gigante, abrindo os braços, batia, com os punhos fechados, por todos os lados, mas só encontrava o vácuo, pois não via ninguém e, saltando de repente um grande urro, caiu pesadamente no chão.

O príncipe Conrad, tinha-o cegado, espetando-lhe no olho a espada, e dando-lhe assim a morte.

Matou depois o preto e dirigiu-se para o palácio, à procura da sala verde.

Passou por muitas salas, cada qual de sua côr, até que

HORA DO RECREIO



O "Tic-Tac" em Palavras Cruzadas

Palavras a ler horizontalmente

1, Não é boa; 2, forma do verbo inglês «to be»; 3, porção de água que cobre parte da terra; 4, todos os moinhos teem; 5, martelo de quebrar pedra; 6, substantivo; 7, advérbio de tempo; 8, indispensável à vida; 9, forma do verbo «rir»; 10, animal anfíbio; 11, adjectivo; 12, cólera; 13, substantivo no plural; 14, pronome pessoal; 15, nome de um país.

Palavras a ler verticalmente

1, Não é boa; 2, forma do verbo inglês «to be»; 3, verbo; 4, substantivo; 5, nota musical; 6, forma do verbo «amar»; 8, substantivo; 9, verbo; 10, traços; 11, rasto; 12, animal vulgar roedor; 13, forma do verbo inglês «to be».

A construção de hoje NAVIOS

Colem a folha em cartão forte e podem mesmo cobri-lo com mais cores porque se presta bastante para isso.

Representa ela dois navios que constituirão a futura frota dos leitores do «Pim-Pam-Pum».

O esquema mostra a maneira com elles se colocam em pé, com auxilio de duas ou mais caixas de fósforos fendidas.

Com as pistolas de mola que já ensinei a fazer, poderão organizar combates que terão tanto maior interesse quanto maior fôr o número dos navios e combatentes.

chegou a uma toda verde e na qual avistou a fontezinha e a velha adormecida.

Aproximou-se dela com muito cuidado e tirou-lhe das mãos o diamante.

A velha soltou um grito estridente e caiu morta no chão.

O príncipe, doido de alegria, tocou com o diamante na torneira de ouro, encheu com a água, que começou a correr, um frasco que levava, saiu do maldito palácio, montou no «Fogoso» que ansiosamente esperava o dono e partiu para o reino de Venflôr.

Contou, depois, ao rei, tudo o que lhe tinha acontecido e, cheios de curiosidade, dirigiram-se para as rosas vermelhas, lançando sobre elas algumas gotas da água da fonte.

Com espanto do príncipe e do rei, viram as formosas rosas vermelhas, transformarem-se em lindas raparigas e, entre elas, a bela princezinha Venflôr, que, abraçada ao pai, agradecia comovida ao seu salvador, todos os perigos que por ela tinha passado.

O povo, cheio de alegria por se ver livre dos acontecimentos que enlutavam o seu reino, veio manifestar, em frente do palácio, a sua alegria ao jovem príncipe.

Venflôr casou com o príncipe Conrad e vivem muito felizes na companhia dos seus pais e do povo que muito os estima.

O AVIÃO "JUNKERS"

Previnem-se todos os leitores do *Pim-Pam-Pum* que a linda construção de armar, a 3 cores,

O AVIÃO "JUNKERS"

cujo modelo é rigorosamente o taxi-aéreo dos S. A. P., se encontra à venda em todas as tabacarias de Lisboa e Províncias ao preço único de

1\$50

Enviem esta importância em vale do correio a

A. C. LOPES — Avenida Amaral, 13

AMADORA

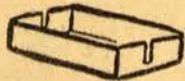
e recebelo-hão sem mais despesas.

■ FIM ■

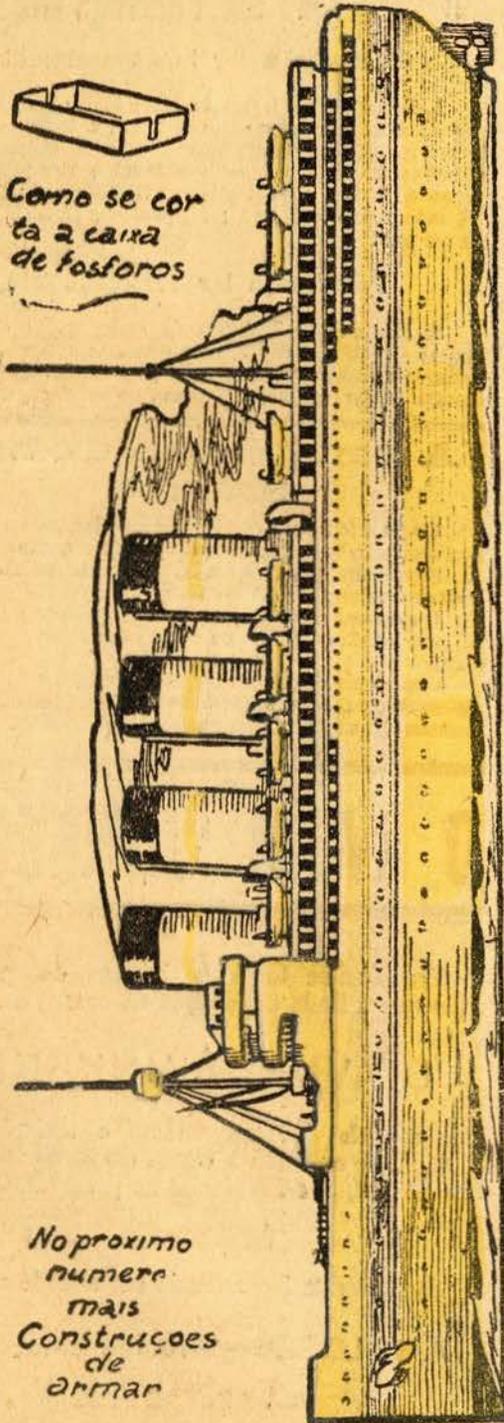
Transatlânticos

Construção
para armar

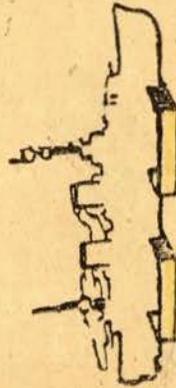
(Vidé página 7)



Como se cor-
ta a caixa
de fosforos



No proximo
numero
mais
Construcoes
de
armar



O modelo
depois de feito

